

O campo dos sonhos

Discurso da festa de final de ano do Instituto Contemporâneo – dezembro de 2013

César Bastos ¹

Primeiramente quero desejar Boa Noite a todos, e dizer que normalmente eu faço o discurso oficial de abertura falando formalmente do Instituto, suas conquistas e novidades. Mas hoje, e depois que aqui cheguei, resolvi falar algo diferente a respeito de um Contemporâneo "oculto", no encadeamento das vidas todas que aqui estão. O que estou sentindo, o que senti no passado e sentirei no futuro, eu quero tentar falar para vocês. Ocorre-me um filme. Não é um filme premiado, é uma produção simples que me tocou o coração. Não sei se alguém já viu o filme "O Campo dos Sonhos"? Este filme é um filme antigo: quem o viu me perdoe a falta de alguma memória. A história se passa no interior do Oeste Americano. É com o ator Kevin Costner. Começa sutil como a garoa que indica a chegada do inverno. O personagem começa a escutar uma voz e a não entender bem o que estava se passando com ele. Perguntava para mulher e filho se também escutavam. A resposta era um "não". No entanto, essa voz se repetia: "Se você fizer eles virão". Como entender? Como ligar estas palavras ao desconhecido? Um dia, e ele seguia ouvindo este refrão resolveu como do nada, construir um campo de beisebol, em sua pequena propriedade e sob o sério juízo de todos familiares e amigos que achavam que estava enlouquecendo ao "jogar fora" seus recursos destinados a hipoteca da fazendola. No entanto não estava enlouquecendo: ele estava se vendo perdido entre duas grandes opções: ou aceitava a opinião de todos e retornava a plantação de milho, ou transgredia o senso comum - o da obviedade - e ia em busca da aparente chance que o destino estava lhe oferecendo de conectar os seus próprios mistérios. Não conhecera seu pai, mas sabia que ele havia sido um grande player do beisebol. Sem conectar a fala "se você fizer, eles virão" com o que resolvera fazer, ele prosseguiu a construção do campo. Apenas percebia que amava este campo em todos os menores detalhes como a grama, a iluminação, etc. Como não sabia o que fazer com a instrução: "Se você fizer eles virão", continuou a construção do campo e amou obsessivamente construí-lo nos menores detalhes.

¹ Médico psiquiatra e psicanalista associado à International Psychoanalytical Association, professor do ICPT e presidente do Instituto Contemporâneo de psicanálise e Transdisciplinaridade de Porto Alegre.

Chegou o dia de inaugurar a iluminação. Fez sol sobre aquele canto do oeste americano. Sua esposa e filho também se encantaram. Dormiram de cansaço junto à noite feita de luz. Aos poucos, acordaram com gritos e batidas de bola no seu campo louco. E ele pensa: Mas quem será que usa meu campo há esta hora? Seu filho e a esposa também escutam e conversam: Como pode haver pessoas neste mundão a jogar na nossa quadra e a estas horas? Eles vão ao alambrado e veem pessoas de idades como as suas. Parece não se importarem com a presença dos donos do campo; passa tempo até que um deles lhe diz: Há algum tempo falamos contigo e sabemos o que tiveste que fazer e transgredir das regras locais, para construir o que fizeste. Ouvimos sussurros que te acham louco; sabemos que ficaste sem dinheiro e sem imagem de sanidade, mas da mesma forma que viemos eles virão e te devolverão em triplo o que perdeste!

- Mas quem são vocês? Um deles diz: Nós somos o que falamos contigo há muito tempo. Mas ousa mais um pouco e traz teu medo para perto de nós. Alguém quer te abraçar, pois não conhece o que dele desconheces: este - diz apontando para um jovem emocionado - é teu pai. Se quiserem podem se abraçar! O abraçar é uma forma de conhecer o que não conheceste. Desta forma o campo deixa de ser apenas um campo de beisebol e se transmuta num campo dos sonhos. Todos nós possuímos este lugar fantástico, onde apenas a ousadia permite penetrar, vivenciar, sermos felizes, e recuperar, tanto nosso passado quanto nosso futuro. Principalmente recuperar. Ele então olha para seu pai, se abraçam. A imagem é tão jovem quanto a sua, pois o jovem só pode se reconhecer pelo mais velho e o mais velho só pode possuir todo seu tempo pelo abraço, pois recordar não é viver: são apenas memórias. Neste abraço vai reconhecendo nos demais os grandes jogadores de beisebol que dele eram ídolos, que deles possuía álbuns, etc. Começa o amanhecer e se retiram, desvanecem. Em vez do medo de fantasmas, ele vive uma enorme felicidade. No dia seguinte sai a procurar outros players da mesma época de seu pai e que poderiam estar vivos. Encontra um ou dois que respondem a tudo que ele deseja perguntar sobre seu pai. Voltando para sua casa, e à noite, ele espera a visita dos fantasmas, mas eles não vêm nem mais virão. Mas como a história se espalha como o fogo em querosene, filas gigantescas de carros se encaminham para conhecer o campo dos fantasmas e lhe pagam regamente pelo privilégio. "Eles também virão", tinham lhe dito os amigos do passado. Recuperou três vezes de tudo que havia perdido financeiramente apenas em poucos meses.

Meus amigos e testemunhas deste campo que aqui estamos construindo. Nada deixa de estar conectado ao resto. Algum de vocês sabe responder por que às vezes amamos? Por que odiamos? Por que muitas vezes não somos felizes como poderíamos? Partindo deste ponto eu gostaria de receber ainda um pouco de licença para falar do meu campo dos sonhos e, para isso, devo revelar alguns aspectos da minha vida.

Eu me lembro de algumas cenas que ficaram marcadas na minha infância e que também fazem parte do mundo secreto das coisas, do campo dos sonhos do Contemporâneo. Eu me lembro de muito pequeno, talvez no meu aniversário de quatro ou cinco anos, ficar muito surpreso, porque minha casa estava cheia de visitas. Surpreendi-me porque minha mãe, mineira, não gostava muito de visitas, enquanto meu pai, um médico carioca que passara num concurso de Saúde Pública para Porto Alegre, gostava que colegas de trabalho fossem lá para conversar. Mas estas visitas eram diferentes: havia trinta, quarenta pessoas? Todas humildes, pois eu percebia como se vestiam. Com minha chegada em casa em conjunto com meu pai, tomou a palavra àquele que eu sabia ser o motorista do pai, no serviço público, e que infelizmente morreu num acidente pouco tempo depois. Falou que meu pai, doutor Augusto, me dera o nome de César Augusto, o mesmo nome do meu avô e que o doutor Augusto representava, por ser a chefia de todos ali, uma espécie de benção que todos haviam recebido em suas sofridas existências como funcionários humildes da Delegacia Federal de Saúde do Rio Grande do Sul, pois os ajudava, cobria funções muitas vezes tão humildes como a de vacinação, quando o responsável pela mesma tivera seu filho doente, etc. Por tudo isso queriam presentear a mim com uma caneta PARKER DE OURO, o que, hoje sei, é algo que valia e vale muito dinheiro. Aquelas pessoas fizeram questão de presentear a mim porque sabiam que o meu pai não aceitaria de jeito nenhum o presente, e pediram então que ele não fizesse a "desfeita" de recusar que seu filho recebesse a caneta que representava tudo que Augusto havia já feito pelos seus filhos. Jamais vi, apenas nesta ocasião, as lágrimas correrem pelo rosto do meu pai. Foi muito para mim, foi demasiado para mim, saber que aquele homem de 1,93 metros de altura era feito da mesma matéria que são feitas as crianças. Talvez por isto, até hoje nunca consegui ser pouco, "ser menos". Se amo uma pessoa eu quero dar-lhe uma "caneta de ouro", e como a pessoa vai se sentir quando receber um presente desta ordem, se jamais habitou meu coração e minhas memórias? Eu gostaria de presentear vocês, então, com as canetas de ouro que tenho ou que me sobraram, e isto significa afirmar para todos vocês que só podemos construir nosso campo dos sonhos se rompermos com o que não nos serve -

no sentido mais profundo que possam entender esta frase - na nossa vida real na qual, muitas vezes estamos aprisionados ou somos tão somente passageiros do ônibus sem rumo. Dar a César o que seria para Augusto. Esta é a principal e corajosa atitude que todos os seres humanos poderiam desejar ter: a do humilde motorista que organizou todo um povo, para homenagear alguém que ele amava. O presente caro, assim o foi, não porque evidentemente fosse fácil para eles o pagarem, mas sim para dizer o quanto era difícil!

Meu pai morreu em 1985 - câncer pulmonar. Um dia me irritei um pouco com sua recusa em tomar determinada medicação e ele, no leito do Hospital de Clínicas, acordou do torpor para me perguntar se eu queria trocar de lugar com ele. Neste período, a partir de 1984 - 1985, fui o idealizador e co-fundador (com meu amigo Newton Aronis) do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, o CEPdePA ali na Tobias da Silva. A caneta de ouro aqui se constituiu em que, nesta época, e vejam que não estamos falando de muitas décadas, não era permitido (tanto formal como informalmente) o conhecimento psicanalítico ser transmitido aos psicólogos. Apenas quem fosse de muita "má índole" e "mau colega médico" faria tal coisa. Esta foi minha maior tarefa social e educacional, minha maior coragem. Algumas noites sem dormir, mas me recusando a desistir. Incrivelmente as pessoas não se afastaram; antes eu diria que mais se aproximaram. Razões, entre as quais prefiro destacar às ligadas à enorme importância que dou à transdisciplinaridade, foram lentamente me causando uma dificuldade de permanecer na minha própria instituição: o CEPde PA e por fim houve a ruptura pelo nascimento do Instituto Contemporâneo. Mas lá eu fiz muitos grandes novos amigos, além de ter tido a maravilhosa oportunidade de voltar a conviver com velhos amigos, meus companheiros desde a infância. Mas algo fundamental - uma coisa muito boa - aconteceu lá. Conheci a Angela, porque a Angela era minha aluna, e eu pensava "que mulher bonita e inteligente essa", mas eu sabia que ela era casada e muitas vezes sofria com minha pouca coragem em abrir meus sentimentos. Eu, na época, estava me descasando, mas foi aí, por coisas da vida, que depois de um tempo ela se separou e aí "fui com tudo", ou "fomos com tudo" e ficamos juntos. Angela sabe exatamente como sou - e posso afirmar que não sou fácil- mas aceitou feliz a caneta de ouro, melhor dita como um "coração de ouro" E assim obtive a benção de uma companheira linda, diligente e eficiente em tudo, para continuar a construção do meu campo dos sonhos, agora transmutado em nosso, que tenho sempre ao meu lado. Peço-lhe perdão por ser tão obsessivamente teimoso. Jogo xadrez e jamais abandonei ou

abandonarei uma partida. A perderei com honra se o adversário se revelar com jogo superior, e com desdém se vencer-me por grosseiro erro meu.

Agora estamos aqui na Festa de Confraternização que representa também o dia da Formatura das diversas turmas do Contemporâneo, e o contínuo renascimento de uma Instituição que vem sendo a cada dia mais reconhecida, por todas razões que se possa elencar. Agradeço a presença de todos. Boa festa e Obrigado.

Comentário de Ariane Severo

Cesar, foi o teu melhor discurso, sem dúvida. Emocionante. Nesta noite me senti orgulhosa de fazer parte do Campo dos Sonhos do Contemporâneo. De ter um Presidente que sabe falar de improviso, com paixão e profundidade.

Já na abertura tu nos orientaste dizendo que não farias um discurso formal sobre o Instituto e suas conquistas: “...falarei de um Contemporâneo oculto” e associa um filme: “ O Campo dos Sonhos” para fazer uma inteligente conexão entre a tua vida, experiências, frutos e a conquista da mulher amada, reunindo presente, passado e futuro. Foi surpreendente e muito inteligente.

“Se você fizer eles virão” disseram as vozes. Lá estavam as pessoas humildes em romaria para agradecer. E o que se faz, atravessa várias gerações e remodela o passado. “Como entender? Como ligar essas palavras ao desconhecido?” Tu nos ensinaste que precisamos transgredir o senso comum, o da obviedade para construir um Campo dos Sonhos. Para nos conectar com nossos próprios mistérios e tesouros através da ousadia que nos permite vivenciar tudo isso.

César, tu recebeste a caneta Parker de ouro endereçada ao Augusto. E deram a César o que é de César. O doutor Augusto lá na Delegacia de Saúde do Rio Grande do Sul e o Contemporâneo com duas mil consultas mês, convênios com instituições que atendem necessitados, projetos sociais e inovadores.

Obrigada César por nos presentear com tantas canetas de ouro. Tenho rompido com muitos preconceitos e dificuldades pessoais a partir da primeira caneta que recebi, quando

ainda aluna do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, depois como tua supervisionanda durante a formação. Aqui no nosso Contemporâneo, novamente como tua aluna e auxiliar de ensino, colega e parceira de tantas atividades. Uma das canetas de ouro que guardo com destaque, foi ter conhecido a Angela e a Psicanálise Vincular. Por fim, uma caneta como paciente.

Como podes ver tenho uma coleção de canetas de ouro. A última foi o teu discurso. Ele resignificou muita coisa dentro de mim.

Todos que passam por ti e que se permitirem receberão uma caneta Parker de ouro.

Obrigada

Comentário de Liana Oliveira

Me emocionei por completo na ocasião quando percebi o que Cesar falava, pois no início o barulho ambiente tornava as palavras inaudíveis. Agora, lendo a transcrição, me emociona em dobro e nem consigo entender direito como ele fez tal "mágica" de improviso. Me resta poder dizer do meu orgulho em fazer parte do "campo dos sonhos" do meu querido amigo, colega e supervisor. Feliz serei se tudo isto eu puder conservar: fazer parte e mais do que isso, aprender com ele, no dia a dia que os sonhos sempre são possíveis, são o pedacinho fundamental da realidade para quem tem capacidade de sonhar.

Isso tudo me deixa imensamente satisfeita e realizada com as opções e caminhos que escolhi para minha vida profissional. Ser integrante do Contemporâneo, dividir alegrias, ensinamentos, acreditar que tudo dará certo e que "um dia eles virão" é motivação para todos os dias. Obrigada por poder fazer e escrever uma história perto de vocês César e Contemporâneo.

Comentário de Angela Piva

O campo dos sonhos: Todos nós possuímos no nosso imaginário um campo dos nossos sonhos. Infelizmente poucos têm a coragem e a honestidade consigo próprios nem a ousadia para transformar seu campo imaginário em experiência de vida.

Gratidão e reconhecimento são, do meu ponto de vista, a matéria essencial para toda e qualquer construção afetiva.

Por isto me sinto imensamente feliz e realizada por ter o César como companheiro de todos momentos, além de meu incondicional amigo nas horas difíceis, na hora da alegria e também em todas fases do meu crescimento como pessoa e como profissional o que sempre incentivou de todas as formas.

Preciso afirmar, então, toda minha gratidão e reconhecimento pelas inúmeras canetas de ouro que tenho recebido ao longo de toda nossa vida como casal e como família.

Comentário de Alcy Cheuiche

César soube ousar por inteiro. Disse Napoleão Bonaparte que a maioria dos grandes homens, só sabem ousar pela metade. César Bastos soube e sabe ousar por inteiro na sua vida afetiva e profissional! Seu discurso na formatura das turmas do Contemporâneo 2013 é, como queria Freud, a união da Psicanálise com a Literatura. Acima de tudo é um poema de amor. De amor pela família de origem, por Angela Piva, por tudo que construiu na vida, mas também é um poema de amor por todos nós